

prosa

Gabriel Jacob

Vale do Sol (cenas 1, 2 e 3)¹

- ¹ *Vale do Sol* é um roteiro de longa-metragem. As cenas apresentam o começo da história. O filme conta a trajetória de pai e filho envolvidos em um esquema de corrupção de uma família criminosa dona de um hotel-fazenda, o Vale do Sol. Sob a fachada do hotel, a família lidera a mineração de ouro em áreas indígenas. Dentre questões como religião, cultura e violência, a história trata da desmistificação das relações entre pais e filhos.

FADE IN:

Ext. Vale do Sol – lado de fora da igreja – noite

REMO, 12 anos, menino baixo para a idade, respira rápido e nervoso sem fazer sons bruscos. Ele está agachado contra as paredes da igreja, logo abaixo de um VITRAL DE SANTO.

Murmúrios incompreensíveis vazam pelas frestas da igreja.

Gabriel Jacob é roteirista, diretor e editor. Nasceu em 2000, na cidade de São Paulo, onde mora, e se formou em Cinema pela FAAP-SP. É pós-graduando em Roteiro para Cinema e Televisão pelo Instituto Vera Cruz. Durante a graduação, foi vice-presidente e presidente do centro acadêmico de comunicação. Seus projetos apresentam um enfoque narrativo atrelado, principalmente, ao suspense e à fantasia, com temáticas como infância, amadurecimento, parentalidade e mitologia. Seu primeiro curta-metragem, *Nostálgicas alucinações* (2022), é um foto-filme selecionado por festivais internacionais. *Nativo digital* (2024) é seu segundo curta-metragem.

Remo (V.O.): Eu odeio igrejas...

Remo pega um REVÓLVER antigo e fino do bolso lateral de sua mochila. Suas mãos tremem, ele coloca o revólver na grama e carrega um cartucho com balas na base da tentativa e erro. Com dificuldade, Remo encaixa o cartucho na arma.

Remo se inclina com medo para ouvir a conversa de dentro da igreja com a arma na mão.

Remo (V.O.) (CONT'D): Mas foi a igreja que começou me odiando.

Remo se afasta dois passos e fica de pé com a arma apontada para o santo do vitral; ele quer acertar alguém que está lá dentro. Remo fecha os olhos e inspira profundamente, segura o ar nos pulmões e expira pela boca, seus lábios tremem.

Seus olhos corajosos abrem, Remo segura a arma com as mãos estáveis e mira. Remo respira. Remo respira. Remo respira.

Remo (V.O.) (CONT'D): As estátuas de anjo me diziam... “ei, demônio, eu estou de olho em você, seu lugar não é aqui”.

POW POW POW. 3 tiros.

Título do filme: Vale do Sol

Créditos iniciais.

CUT TO BLACK.

FADE IN:

Int/ext. carro do Rômulo – dia

RÔMULO, 40 anos, barba por fazer, relógio grande e camisa social, dirige rapidamente seu carro bagunçado, com lata de energético no porta-copos e lixo cheio de bitucas de cigarro. Um jaleco médico envolve o banco de Rômulo.

A estrada está quente e solitária, árvores cobrem as laterais de uma pista única. O rádio está alto e toca um rock barulhento que se contrapõe ao silêncio entre Rômulo e Remo, que está sentado no banco de passageiro da frente.

Remo (V.O.): Às vezes eu queria ficar para sempre naquele Toyota do meu pai. Me lembro bem do cheiro de Marlboro Gold misturado com Redbull...

Rômulo dirige com pressa, sem olhar para Remo.

Remo: Rômulo?

Rômulo está totalmente concentrado na estrada. O vento abafa a voz de Remo e desarruma os cabelos de ambos.

Remo (CONT'D): Rômulo??

Rômulo olha para Remo. Remo faz uma pausa antes de falar.

Remo (CONT'D): *(curioso)* Qual você acha que é a idade ideal pra fumar?

Rômulo desvia o olhar de Remo.

Rômulo: Não existe nada de “ideal” em fumar, Remo.

Remo diminui o som do rádio.

Rômulo repara que o som da música abaixou.

Remo: Não estou dizendo que vou fumar. Mas uma vez você me disse que para transar a pessoa precisa ter pelo menos 15 anos... então eu estava pensando nessa mesma lógica...

Rômulo interrompe Remo.

Rômulo: Quê? Eu nunca disse isso. A Selena disse isso?

Remo: Sim, quer dizer, você disse.

Rômulo: Não, claro que não.

Rômulo incomodado aumenta o som do rádio, ele faz uma curva e a estrada se torna de terra.

Rômulo (CONT'D): ... eu te disse que eu transei pela primeira vez com 15 anos, é diferente.

Remo: Você gostou?

Rômulo, desconfortável, mexe suas mãos no volante.

Rômulo: Sim...

Remo: Minha mãe disse que você não gostou.

Rômulo sorri debochadamente enquanto olha a estrada de terra.

Rômulo: Ela disse? Bom... ela não estava lá.

Remo: Por que você não gostou?

Rômulo diminui a velocidade para ultrapassar um indígena,

RAICHO, 25 anos, que anda na estrada apressado.

Remo e Rômulo olham o jovem pelas janelas do carro, e Raicho retribui com olhos tensos. Rômulo ultrapassa e acelera.

Rômulo: Olha, não quero que você converse com os indígenas que trabalham no Vale do Sol.

Remo olha intrigado para Rômulo.

Remo: Por quê?

Rômulo balança a cabeça irritado e enfatiza suas palavras com seu olhar.

Rômulo: Porque eu estou dizendo, filho. É a única razão de que você precisa.

Remo consente incomodado, ambos se olham alguns segundos e viram para frente.

Remo: Por que você não gostou da sua primeira vez?

Rômulo intercala olhares entre a estrada e seu filho.

Rômulo: Foi esquisito, eu tava nervoso, eu não sabia o que tava fazendo e nem por quê... Satisfeito?

Rômulo pega seu energético quente e amassa para beber as últimas gotas, depois joga a lata na estrada.

Remo sentencia seu pai com o olhar, ele olha para trás da estrada e vira-se para Rômulo.

Remo diminui o som do rádio sem tirar os olhos de Rômulo.

Rômulo (CONT'D): Que foi?

Remo: Você se incomoda em ter de cuidar de mim?

Rômulo: Não.

Remo: Mas você disse que...

Rômulo interrompe seu filho novamente.

Rômulo: Você é meu filho, Remo.

Insatisfeito, Remo desliga o rádio, desvia o olhar de seu pai, retrai as pernas no banco e olha pela janela.

Rômulo (CONT'D): Não gostou da música?

Remo: Até agora não.

O silêncio toma conta do carro. Rômulo olha seu filho e Remo olha a paisagem.

Rômulo tira os olhos de Remo, e quando olha a estrada, FREIA BRUSCAMENTE.

O CORPO de um indígena jaz imóvel na terra quente. Rômulo e Remo olham fixamente, surpresos.

Rômulo dirige lentamente e aproxima o carro.

O indígena está MORTO, com os olhos abertos sobre uma poça de sangue.

Rômulo sai do carro.

Rômulo: Fique aqui.

Ele se aproxima do corpo; seus olhos investigativos procuram pela causa da morte.

Remo olha seu pai à distância, Remo respira ofegante e rápido, enquanto a música toca baixinho. Um coaxar soa do banco do motorista, Remo olha para o lado e se depara com um enorme SAPO no banco.

Um som grave e rouco parte do sapo e intensifica-se na mente de Remo; sua visão fica turva. Remo DESMAIA.

CUT TO BLACK.

FADE IN:

Ext. acostamento na estrada – dia

Remo abre os olhos desorientado e respira profundamente. Ele percebe que está sentado próximo às árvores, o carro está estacionado e Rômulo um pouco distante, em uma ligação e fumando.

Rômulo vê que Remo acordou e joga disfarçadamente o cigarro no chão, mas continua no telefone.

Rômulo: Sim, sim. Fique tranquilo, estou chegando...

Remo escuta notas suaves e delicadas de um piano, e olha para o lado lentamente.

Remo vê, a 10 metros dele, SELENA, 30 anos, sua mãe, em um vestido azul, parada de pé no acostamento. Ela olha fixamente.

Remo fica assustado e desvia o olhar para frente. Selena se aproxima e se senta ao seu lado. Ele continua com a cabeça virada para frente e com medo fecha os olhos. Selena aproxima a boca do ouvido do filho.

Selena: *(sussurra)* Remo...

Rômulo (O.S.): Remo, está melhor?... Vamos?

Remo abre seus olhos, não tem ninguém sentado ao seu lado, Rômulo está de pé lhe dando a mão para levantar.

Remo não responde. Rômulo bufa e desiste de dar a mão.

Rômulo (CONT'D): Remo, estou atrasado, tem uma pessoa lá que precisa de mim. Você está bem ou não?

Sem resposta, Rômulo suspira e se senta no acostamento ao lado de Remo.

Rômulo (CONT'D): Olha, é normal sentir medo.

Remo olha para Rômulo irritado.

Remo: Não tenho medo! É só... diferente.

Rômulo: Remo, sua mãe teve as razões dela.

Remo: *(irritado)* Por que você protege ela? Você nem amava ela mais.

Rômulo se ajeita onde sentou e olha fixamente para Remo.

Rômulo: Eu não preciso amar alguém para entender essa pessoa.

Remo mexe com as mãos em um amuleto pequeno de sapo atarraxado a uma pulseira em seu braço.

Remo: Às vezes parece que você não ama ninguém.

Rômulo suspira.

Rômulo: Isso não é verdade.

Remo se levanta.

Remo: O que aconteceu? Com o morto?

Rômulo demora para responder.

Rômulo: Que morto?

Remo: Na estrada...

Rômulo: Eu... não vi nada. ■